

O BOLSONARISMO E A COVID-19: BIOPODER E A NEGAÇÃO E DESPREZO PELA CIÊNCIA. NOTAS SOBRE O *SHADOW CABINET*

Bolsonarism and COVID-19: Biopower and the denial and contempt for Science. Shadow cabinet notes

Rossemildo da Silva Santos¹  

Recebido: 23-03-2022

Aprovado: 03-04-2022

Resumo: Diante do desafio brasileiro em conter a sanha bolsonarista que, com poder em mãos e sem planos a não ser o de extermínio do outro ameaçador, sobretudo em época de Coronavírus, onde parcela da população mais vulnerável se converte em alvo de mentes pró-psicopatia, na esfera do biopoder ajusta suas práticas a tempos de justificação da morte. Destarte, a biopolítica em voga no Brasil de 2021, durante a pandemia de COVID-19 advoga pela narrativa – e prática – de entrega à morte “alguns” em sacrifício “pela pátria”, enquanto outros grupos sociais são protegidos: “morre-se para que vivamos”, em prol de um bem maior. Biopolítica, biopoder e o bolsonarismo diante da crise do Coronavírus.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Biopoder. Biopolítica. Covid-19.

Abstract: Faced with the Brazilian challenge to contain the savage bolsonarist who, with power in their hands and with no plans other than to exterminate the other threatening one, especially at the time of Coronavirus, where part of the most vulnerable population becomes the target of pro-psychopathic minds, in the sphere of biopower it adjusts its practices to times of justification of death. Thus, the biopolitics in vogue in Brazil in 2021, during the COVID-19 pandemic, advocates the narrative – and practice – of delivering “some” to death in sacrifice “for the motherland”, while other social groups are protected: “one dies for us to live”, for the sake of a greater good. Biopolitics, biopower and bolsonarism in the face of the Coronavirus crisis.

Keywords: Bolsonarism. Biopower. Biopolitics. Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil contabiliza, em data atual (junho de 2021), a aproximação a meio milhão de mortos causadas pela pandemia do Novo Coronavírus SARS-CoV-2, iniciada no final de 2019 em uma das províncias chinesas, alastrando-se, em seguida, por todo o planeta. Em um pouco mais de um ano, depois de informada a primeira morte pela doença no país em 12 de março de 2020, a COVID-19 já

¹ Máster y Doctor por la Universidad de Valladolid, España. Profesor/ Investigador Instituto Federal de Goiás - IFG/ Águas Lindas. E-mail: rossemildo.santos@ifg.edu.br

vitimizou fatalmente mais indivíduos que a AIDS que, desde 1980 a 2020, havia matado 349.784 pessoas, e os homicídios ente 2014 e 2020, com 366.815 óbitos somente no Brasil (FIGURA 1).



Figura 1: Estatísticas de óbitos e evolução do Coronavírus no Brasil até jun 2021. Fonte: acompanhamento online Google.

Porém, pergunta-se se no país que, desde que soube dos casos chineses e italianos que alarmaram o mundo, ainda no final de 2019 e começo de 2020, não teria tido tempo suficiente para um planejamento sóbrio e estratégico contra o avanço da enfermidade. Com forças armadas ociosas, dado que o Brasil não participa de conflito bélico desde há muito, uma ciência de ponta, posto que tem-se, no 5º maior país do mundo, universidades/ instituições e pesquisa/pesquisadores de destaque na América Latina, além de recursos de uma das maiores economias do planeta, por que tanta carnificina?

Sabe-se que o vírus aludido possui transmissibilidade e letalidade altos, no entanto, quais e quantas dessas mortes poderiam ter sido evitadas, recorrendo-se com emergência aos recursos disponíveis no continental Brasil, reconhecido no mundo inteiro por suas campanhas de vacinação, seu sistema de saúde único (SUS) que, não obstante os incontáveis defeitos, ainda é salvaguarda da maioria da população do país? Como minimizar os efeitos da pandemia empunhando as armas da ciência, da prevenção, da conscientização e preservação de vidas, o primeiro direito humano básico de todo ser vivo, garantido na Constituição brasileira?

Poder-se-ia afirmar, categoricamente, um sim. Os países que conseguiram o efeito positivo (FONTANELLI e SOUZA, 2021, p. 135) supramencionado, manifestamente o óbvio de preservação da existência de seus concidadãos, seguiram à risca medidas de segurança norteados pela ciência, especialistas, por pesquisas consensuais a nível planetário, de instituições tradicionalmente respeitadas por suas já lendárias postulações empíricas e de aconselhamento de governos e/ ou autarquias, inclusive a Organização Mundial de Saúde-OMS. Poder-se-ia.

2. A COVID-19 E O ALIENISTA

Os sentimentos que envolvem o ambiente pandêmico causado pela COVID-19 instauraram uma profusão de instabilidades emocionais devido justamente à atmosfera de insegurança *biopolítica* – entendida como “todas as estratégias específicas e contestações sobre as problematizações da vitalidade humana coletiva, morbidade e mortalidade, sobre as formas de conhecimento, regimes de autoridade e práticas de intervenção que são desejáveis, legítimas e eficazes” (RABINOW, ROSE, 2006, p. 28), os fundamentos antropológicos da política: a fundação da política na essência de um modo de vida, na ideia de *bios politikos* (RANCIÈRE, 2010, p. 76) – , que os agitadores populares sediados no Bolsonarismo passaram a causar, pois

Medo, alegria, tristeza, sofrimento, esses são alguns dos sentimentos que despontam quando reporta-se ao final da vida. Medo de morrer. Alegria por estar junto da família. Tristeza pelo momento experienciado. Sofrimento pela dor, pela perda, pelo fim. Hoje, a morte vem deixando de ser um evento solitário, macabro e sóbrio, para fazer parte do cotidiano. Esse deslocamento começou, principalmente, a partir dos movimentos observados ao longo do século XX e no início do XXI (CORDEIRO; KRUSE, 2016, p. 2)

Não fosse pelo fato de que, no caso específico do Brasil, os tomadores de decisão a esse respeito não tivessem criado uma realidade paralela na qual “vivem” e forçaram os outros a que, também, participassem dela, mesmo contra vontade. São terraplanistas, negacionistas primeiro do próprio Corona Vírus (uma “gripezinha”, apenas) e, depois, da ciência (para eles reduzida a conhecimento de esquerda, comunista), das universidades (produtoras da balbúrdia e militantes ateístas desnudos), das medidas de proteção das pessoas (entendidas por eles como conspiração da China para “quebrar” as economias a fim de beneficiar o país asiático e a implementação do comunismo) e da própria OMS (interpretada por eles como um grupo de poderosos comunistas enganadores da humanidade) (FERNANDEZ & OLIVEIRA, 2021, p. 293).

Frente a tal cenário, como lidar com um governo de tal compleição, no caso brasileiro, liderado pelo atual Presidente Jair Bolsonaro? Tirá-lo do poder? Não é simples, ele não está só. Milhões de brasileiros o apoiam. Como explicar, então, para tanta gente, o básico? Como dizer, também em caráter emergencial, que terraplanismos não são opinião comparáveis à ciência nem “conhecimento” válido, que opinião não é método científico e que forjar realidade paralela incrementa o número de mortes causadas pelo vírus e suas mutações?

O Presidente Jair Bolsonaro é o líder desse grupo negacionista que, ao que tudo indica, tem auxiliado no vírus em sua tarefa de exterminar o brasileiro. Ele age como Simão Bacamarte, de *O Alienista*, obra de Machado de Assis, final do Séc. XIX. Segundo se lê, Dr. Bacamarte, médico, via loucura em todos da pequena cidade onde residia e administrava um manicômio, o Casa Verde, onde começara a internar seus pacientes ao primeiro desconfio de loucura que estes apresentavam, segundo seu próprio conceito do que seria um ser acometido pelo desvio psíquico.

Pessoas foram internadas pela reação ao perder sua herança, por exemplo, e os absurdos se seguiram de internações compulsórias, por motivos banais, até que uma revolta, liderada por “Canjica”, protestava contra as atitudes autoritárias de Bacamarte. Poderia ser uma vitória caso ele não tivesse aprisionado em seus manicômio também os integrantes do movimento, sua própria esposa e 75% da cidade. Depois de reconsiderar brevemente seu conceito próprio do que era loucura ou não, cria um outro, cuja base serviu para levar à Casa Verde novos internos, como o vereador da cidade, entre outros.

Porém, após notar, acoado por pressões, que sua concepção de mundo estava absolutamente equivocada, decide libertar os pacientes, pois concluíra que o louco, ao final, era ele mesmo. Bacamarte trancou-se na Casa Verde e faleceu após quase dois anos isolado lá dentro.

Pode a literatura de Machado de Assis configurar uma metáfora do que seria a criação de uma realidade paralela em que os outros parecem estar enfermos e o eu único são? Bolsonaro está longe de ser médico, “minha especialidade é matar”, resumiu ele em discurso a um público que o atura. No entanto, suas práticas podem ser comparadas às de Bacamarte? Bolsonaro chegou a “internar” inimigos políticos (TELES, 2018, p. 65) que o criticavam, por motivo fútil, que denunciavam suas teorias estapafúrdias e inadmissíveis? O Bolsonarismo pode ser um grupo aluciado que, mesmo sendo minoria da população brasileira, outorga respaldo para que o Bacamarte brasileiro ponha em risco a integridade física dos outros 70% que não o apoiam? Os pseudocientistas dos quais Bolsonaro se ladeou para respaldar seu discurso negacionista podem ser encaixados na crítica machadiana à ciência da época (final do séx. XIX)?

Não à toa, *O Alienista* inaugura a escola literária *Realismo* no Brasil. Sem apelo às voltas e exageros românticos do movimento anterior, o Realismo brasileiro tinha como característica a linguagem objetiva, com menor influência pessoal possível (buscando certa imparcialidade), a crítica social de denúncia às hipocrisias e às contradições moralistas elitistas e enfoque em elementos psicológicos. *O Alienista* parece encarnar, com relativo êxito, as críticas às patologias psíquicas bolsonaristas sobre as quais este trabalho se debruça, posto que o abuso de linguagem distorcida, de frases pouco elucidativas, de narrativas do absurdo, de um certo realismo fabuloso, fabricação de inimigos imaginários, de forte caráter antisemita (ADORNO, 2019, p. 276), destoam absolutamente da proposta realista do movimento da literatura brasileira inaugurado por Machado de Assis.

2.1 – OS DELÍRIOS BOLSONARISTAS NO TRATO COM A COVID-19

Iniciou-se o enfrentamento à Covid-19 sem enfrentamento: enquanto os demais países convocaram estrutura de guerra para combater o Novo Coronavírus, o governo brasileiro o subestimou. Além de titulá-lo de “gripezinha” em pelo menos duas ocasiões, Bolsonaro não apresentou nenhum plano nacional de prevenção, mesmo os mais simples, como o uso de máscaras (o que seus seguidores chamaram de “focinheira”), de álcool em gel e distanciamento social. Ao contrário: usou o acessório facial poucas vezes, pressionado ou quando em visita a outros países, e causou diversas aglomerações (UOL, 2020), muitas das quais alguns dos participantes teriam sido infectados, internados e até morrido depois de terem participado (YAHOO, 2020).

O governo, desde que os primeiros infectados e óbitos surgiram no país, calculou os efeitos do letal vírus a partir de um conceito não aplicável neste caso, que seria o de uma imunidade de rebanho, uma interpretação distorcida do que seria a aquisição natural de anticorpos da doença pela infecção de COVID. Ao ser detectada tal tática pelos cientistas brasileiros, grande parte indignou-se, dado que os números finais resultados desse “experimento”, como se o povo brasileiro fosse cobaia do terraplanismo macabro, anunciavam-se trágicos. Se levada a sério até o final, tal prática causaria a morte de mais de 1 milhão de pessoas antes do final de 2020.

2.1.1 – APOIADORES “FREELANCERS”

Com o “Deus dará” do vírus, o país teve que ser governado, nessa era das “informações” de internet, por *youtubers*. O brasileiro teve que ouvir dos *influencers* bolsonaristas que o vírus mataria “apenas” pessoas específicas (descartáveis, portanto, para eles). Segundo Caio Coppola, um jovem entusiasta bolsonarista admirado pela juventude reacionária do Brasil, explica que:

Nos Estados Unidos, o Coronavírus matou aproximadamente 2.500 pessoas até esse momento. Só que, em comparação, né, cerca de 5.000 americanos morrem engasgados por ano, o dobro do número de vítimas da COVID. E ninguém vai mandar as pessoas pararem de comer por causa do risco de morrer engasgado, né. Isso seria a mesma coisa que sacrificar o boi para matar o carrapato. Então, nessa linha de raciocínio, a reflexão que eu queria propor é a seguinte: faz sentido mandar todas as pessoas ou quase todas as pessoas pararem de viver por tanto tempo por causa de uma doença que tem baixa letalidade, grupo de risco definido e que a transmissão é virtualmente impossível? (DCM, 2020).

Para compreender nas mãos de quais alienistas o Brasil se encontra, os diversos opinadores de Jair Bolsonaro possuem forte rede de influência, tanto nas redes sociais suas mesmo e nas redes abertas. O supracitado, por exemplo, debate abertamente suas “ideias” na CNN Brasil, com relativa audiência, lugar em que o jornalista Alexandre Garcia, outro apoiador incondicional do atual Presidente do País, profere delírios semelhantes, por estar registrado sua comparação do Coronavírus com outras doenças que “também matam”, sempre com o intuito de tirar a “histeria” frente à gravidade da doença pandêmica. Não diferente de suas redes sociais, onde declara abertamente funcionalidade de “tratamento precoce” contra COVID-19 (FIGURA 2), embora muitas dessas falas tenham apagado meses mais tarde com o avanço das investigações da CPI sobre o charlatanismo medicinal bolsonarista.



Figura 2: Garcia, entusiasta bolsonarista, defende em suas redes as práticas nada ortodoxas de Bolsonaro contra a COVID-19. Fonte: Captura de tela de rede social/ Twiter.

Outro assessor de Bolsonaro e ex ministro dele é Osmar Terra, autor de uma dissertação de Mestrado (TERRA, 2009), apresentada à Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em que advoga, grosso modo, por uma relação entre estruturas cerebrais de seres humanos à pré-disposição destes em cometimentos de crimes, diálogo explícito às teorias de Cesare Lombroso, descritor da suposição racista de que os estigmas degenerativos, comportamentais, psicológicos e sociais dos indivíduos seriam atávicos, ou seja, basicamente natos. Uma criança poderia ser identificada ainda

no berço, se encaixada nos termos descritos por Lombroso de formato de cabeça, cor da pele, nuances da mandíbula, medição das orelhas e assimetria facial, entre outros, como possível delinquente. A obra de Cesare foi publicada em 1876, intitulada “Tratado Antropológico Experimental do Homem Delinquente”. E já que está-se falando de finais do séc. XIX, sintá-se em casa.

Terra insiste em que a população do Brasil precisa encontrar com o vírus mais cedo ou mais tarde, pois é assim que se adquire a tal imunidade de rebanho (UOL, 2021) que, segundo os especialistas, consistiria em um preço demasiado alto a ser pago, dado que quanto maior o número de infectados, maior a proporção de internados e de mortos, e o país se converteria em um criadouro a céu aberto de cepas virais, como aconteceu com a variante P1 surgida, ao que tudo indica, em Manaus. A conta que Terra faz é macabra, apoiada pelo Presidente atual da República. Além disso, não se pode afirmar que, após contraída a doença, o corpo passa a ter imunidade natural vitalícia, o que sugere que precisar-se-ia de vacina sazonal para conter o avanço do patógeno.

O representante da diplomacia brasileira, respeitada no mundo desde as intervenções do Barão do Rio Branco, no começo do século passado, em conflitos de terras na Amazônia Brasileira entre Peru e Bolívia, território esse que, mais tarde, ficara conhecido como Acre, Ernesto Araújo, seguidor e aluno do astrólogo autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho, mentor “intelectual” do bolsonarismo, protagonizou incontáveis conflitos com a China devido às suas afirmações de culpabilização daquele país pela pandemia do COVID. Ademais de, em entrevista, afirmar que Carvalho poderia ter razão ao confrontar a certeza científica de que a terra é redonda, Araújo pode ser uma das almas mais conspiracionistas do bolsonarismo, dado que, em diversas ocasiões, haver subestimado os efeitos da pandemia e posto a China como manipuladora de resultados, o mais famoso deles um artigo seu intitulado “Chegou o Coronavírus”. Nele, lemos que

É o que mostra Slavoj Žižek, um dos principais teóricos marxistas da atualidade, em seu livreto “Virus”, recém-publicado na Itália (*). Žižek revela aquilo que os marxistas há trinta anos escondem: o globalismo substitui o socialismo como estágio preparatório ao comunismo. A pandemia do coronavírus representa, para ele, uma imensa oportunidade de construir uma ordem mundial sem nações e sem liberdade (DIÁRIO DO PODER, 2020).

Araújo advoga por uma ideia de China que, junto a organizações por ela controlada, inclusive a ONU, conspiração chamada por ele de “globalismo”, em que o mundo estaria se preparando para viver o comunismo, interpretado por ele como uma “nova ordem mundial” em que as pessoas perderiam, entre vários outros direitos, suas liberdades individuais e coletivas. O então chanceler brasileiro, chefe dos diplomatas brasileiros no planeta inteiro, ataca, em sua sanha conspiracionista

sabotadora alienista, o maior parceiro comercial do Brasil, atitudes insanas que já renderam alguns prejuízos financeiros à nação, como a demora da China em responder a algumas demandas brasileiras, fuga de investimentos e capital e conflitos diplomáticos de diversas ordens, um deles os protestos de baderneiros bolsonaristas em frente à embaixada chinesa (FIGURA 3) em Brasília com faixas contendo xingamentos aos líderes asiáticos (PODER 360, 2020).



Figura 3.: Faixas bolsonaristas contendo hostilidades a líderes chineses. Fonte: PODER 360, 2020.

2.1.2- APOIADORES MILITARES E RELIGIOSOS

Mas o líder de falas delirantes acerca da COVID-19 é mesmo Jair Bolsonaro. Para criar o ambiente de intolerância em relação à China, insinuou a provável manipulação do país asiático sobre a doença, levando o mundo a uma espécie de guerra bacteriológica, cujo objetivo seria a falência econômica de países concorrentes, como os Estados Unidos, alguns emergentes, entre eles o Brasil, e o impulsionamento da economia chinesa, já em franca retomada pós-Coronavírus e pouco atingida pelos efeitos devastadores da pandemia. Bolsonaro afirmou que

É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em um laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem que é uma guerra química bacteriológica e radiológica. Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês. (ISTO É, 2021).

Jair possui um imaginário militar sobre a realidade, que já não é lá referência para criação de estratégia para conflito algum no Brasil de 2021 – além de apenas ter um governo integrado por muitos militares (COUTO, 2021, p. 40) – dado que as forças armadas parecem ter parado no tempo, especificamente em há pelo menos 60 anos, onde o mundo começara a se dividir na atmosfera do que

veio a se chamar Guerra Fria. Nos porões da ditadura militar brasileira, terminada há um pouco mais de 30 anos, configurava-se a percepção de inimigos internos em iminência de, dominados pelo espírito do “comunismo”, tomar o poder no Brasil daquele então. Segundo Ghiraldelli

O Exército brasileiro saiu fortalecido da Guerra do Paraguai. Após o massacre que fez naquele país, algo bem pior que os americanos fizeram no Vietnã, o Exército voltou da terra guarani com prestígio para influenciar na política. O Duque de Caxias surgia como grande herói (...) e, se olharmos para o tipo de ação contra os próprios brasileiros desempenhado pelo Pacificador, teremos, então clara a visão do germe da disposição do exército de acolher, depois a ideologia do “inimigo interno”. Uma ideologia que se revelou útil aos torturadores de 1964, e até hoje é, em parte, cultivada (2019, p. 115).

Mesmo vencidos, as forças armadas têm permanecido formando militares ainda com tal ou similares (SOARES, 2019, p. 42) subjetividades, enxergando comunistas em toda oposição contra a direita política, daí a facilidade com que os militares tenham aderido ao bolsonarismo, desde o soldado recém-recrutado de 18 anos, da periferia, orgulhoso de si pelo sentimento do “fazer-se parte”, aos mais altos postos, como o General Pazuelo, que veio a se tornar Ministro da Saúde do governo, administração sobre a qual recai maioria dos óbitos de COVID-19 no país, até a presente data.

A *biopolítica*, mencionada há alguns parágrafos, atralada ao imaginário militar de “morrer pela pátria” para que a economia não desfaleça, por exemplo, é facilmente assimilada em uma época em que há manifestações de rua no Brasil exigindo a volta da ditadura militar, um período político brasileiro marcado pelo desaparecimento de corpos, mortes, tortura (FUCILLE, 2019, p. 93) e outros métodos próprios da ânsia do *biopoder* bolsonarista. Além de Bolsonaro, o Prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB-RS) de igual maneira, exigiu a vida em troca da continuidade econômica em meio à pandemia: “contribua com sua vida para que a gente salve a economia”, afirmou ele (ESTADO DE MINAS, 2021).

Destarte, pode-se afirmar que a “lógica” de Bolsonaro alicerça-se no sacrifício pela nação, onde morrer para que a “pátria” siga em frente não teria nada de absurdo. Mas tem. Encorajou a que os saudosistas da ditadura, grande parte do bolsonarismo brasileiro, senhores e senhoras brancos de classe média privilegiados que não sofreram as agruras das torturas e assassinatos do período militar brasileiro - e que, por isso, idolatram aqueles anos, pedindo, inclusive, seu retorno -, saíssem às ruas, de continuidade à vida normal, dispensando o uso de máscaras e de medidas de segurança contra contágio e isolamento para dificultar a infecção, como se não houvesse pandemia. O próprio Jair não seguiu nem segue as normas de proteção ao Corona recomendadas pelas instituições de saúde locais, como secretarias de saúde, nem mundiais, como a OMS. Segundo levantamento, Bolsonaro

participou de pelo menos 84 aglomerações desde o início da pandemia no país, em março de 2020 (O GLOBO, 2021), e estar sem máscaras ou não permanecer com elas até o final do evento em pelo menos 7 de dez vezes em que esteve em locais com muita gente. E os apoiadores, *ídem*.



Figura 4: Bolsonaro participa e promove aglomerações por todo o Brasil, sabota as medidas de segurança contra COVID, e incentiva a que os cidadãos façam o mesmo. Fonte: GZH, 2021.

Ou seja, além de não tomar providências contra a expansão do vírus, para poupar vidas de cidadãos brasileiros, Jair agiu contra as medidas protetivas, dado que sua “teoria” se baseava na “imunidade de rebanho” – quanto maior o número de infectados, mais rápido a pandemia acabaria –, já que não seriam poucos mortos, segundo o pensamento distorcido incorporado por Caio Coppola e Osmar Terra, a maioria deles de grupos sociais já vulneráveis de saúde já frágil e, portanto, descartáveis, e que havia um remédio milagroso e barato que pouparia vidas: a hidroxicloroquina.

Após Donald Trump advogar pelo referido medicamento como cura da doença, mesmo sem evidências de sua eficácia, o ex- presidente dos Estados Unidos talvez não imaginaria que seu maior fã, Jair Bolsonaro, seguiria à risca a recomendação. O mandatário brasileiro abraçou a “saída”, propagandeando a indicação de Cloroquina pelos rincões mais afastados do território do país. O propósito dele seria oferecer à população um bálsamo, uma falsa sensação de segurança, onde as pessoas poderiam exporem-se à vontade ao vírus, aglomerarem-se, absterem-se de medidas de proteção como as máscaras e o distanciamento – pois, do contrário, estariam aderindo ao “comunismo” dos governadores e prefeitos –, e se, uma vez contaminadas, a cura estaria à disposição com a Cloroquina e outras drogas que comporiam o que ficou conhecido como *Kit Covid*.

Para tanto, o governo federal ocupou o Exército a que produzisse, em seus laboratórios, toneladas da medicação que, em seguida, seria enviada às mais recônditas cidades brasileiras para “proteção” de seus cidadãos como política pública. Segundo documentos obtidos pela CPI da COVID, foram mais de 3 milhões de comprimidos em 2020 a mais que nos anos anteriores (CARTA CAPITAL, 2020), inundando o mercado do produto a tal ponto de que não se precisou fabricação em 2021. O estoque, segundo especulações, seria suficiente para abastecer a necessidade tradicional do país em 18 anos. Não bastasse isso, o Presidente dos Estados Unidos à época, Donald Trump, doou mais de 2 milhões de doses ao Brasil depois de perceber que o medicamento, segundo os maiores especialistas e intuições de pesquisa do mundo, não surtia efeito algum sobre a COVID-19. Bolsonaro aceitou (FIGURA 4).



Figura 5: Bolsonaroistas afirmam, atordoados por fakenews de youtubers e páginas desinformativas, não precisarem de vacina contra a COVID por terem a cloroquina. Fonte: CORREIO BRAZILIENSE, 2020.

Munido de falsas esperanças, sobretudo com a influência que exerce sobre seu eleitores, está pronto o cenário para o desastre brasileiro. Para o bolsonarista mais arraigado, Jair é mais que um presidente. É um Messias. Um enviado. Com o *slogan* de “Deus acima de todos”, os apoiadores interpretam como uma luta cristã contra o “comunismo” depravado, libidinoso, decadente, satânico. A palavra de Bolsonaro soa como inspirada, um vaso escolhido, pois, segundo Silas Malafaia, um dos líderes religiosos da Assembleia de Deus mais fanáticos de Jair, “Deus escolheu as coisas vis de pouco valor, as desprezíveis”. O “redentor” político, nesse caso, poderia ser o que no direito romano antigo se intitulava o *homo sacer*, expressão traduzida como o “homem sagrado”?

Como um motociclista que sabe que vai atropelar um animal na pista e a única forma de não se estabacar no chão é aguentar firme o guidão e amortecer o impacto, Bolsonaro criou ao redor de si toda essa caterva higienista – não se pode esquecer da dissertação de mestrado supracitada de Osmar Terra – disposta a promover o extermínio de grupos considerados de risco, prevendo um oásis após isso. O experimento terraplanista do grupo alucinado custou a vida de milhares de cidadãos brasileiros, e o “deixa rolar” do vírus produziu uma cepa de maior transmissibilidade e letalidade, originária em Manaus-AM.

Esses higienistas não podem ser desvinculados de Bolsonaro, pois consta em seu vasto currículo de cunho racista defesa de ideias como pena de morte e controle de natalidade “rígido”: "Devemos adotar uma rígida política de controle da natalidade. Não podemos mais fazer discursos demagógicos, apenas cobrando recursos e meios do governo para atender a esses miseráveis que proliferam cada vez mais por toda esta nação." (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2018). E continuou: “defendo a pena de morte e o rígido controle de natalidade, porque vejo a violência e a miséria cada vez mais se espalhando neste país. Quem não tem condições de ter filhos não deve tê-los. É o que defendo, e não estou preocupado com votos para o futuro" (*Idem*).

Para ele, os filhos de pobres são causadores de pobreza, e apenas filhos de pobres se tornam delinquentes sociais (NETO, 2020, p. 107), blindando os bairros mais abastados brasileiros de criminalidade. Seu desprezo pela pessoa pobre brasileira é manifesto em diversas ocasiões, uma delas quando declarou diante de todo o país, em novembro de 2013: "Só tem uma utilidade o pobre no nosso país: votar. Título de eleitor na mão e diploma de burro no bolso, para votar no governo que está aí. Só para isso e mais nada serve, então, essa nefasta política de bolsas do governo", afirmou no plenário da Câmara (*Ibidem*).

Ademais, está registrado seu pensamento eugenista quando reclamou que não se pode ir sequer a uma praia em paz, pois está cheia de gente, que isso consistia em um problema: “Uma das grandes causas da fome, da miséria e da violência é o crescimento populacional exagerado. (...) Não tem mais lugar para deitar na praia. É gente demais! Temos que colocar um ponto final nisso se quisermos produzir felicidade em nosso país.” (BRASIL DE FATO, 2021). É de sua família autoria de projetos que preveem a esterelização de pobres (negros) para que esses fins fossem alcançados.

3- BOLSONARISMO, BIOPODER E BIOPOLÍTICA

Está-se usando o conceito de biopoder para descrever o extermínio deliberado/ planejado do brasileiro por meio do Coronavírus e, posteriormente, terceirizando-se a culpabilidade. Biopoder como

forma de administração de vidas (e mortes, portanto), de poder outorgado para matar com o fim de poder viver (BERTOLINI, 2018, p. 88), em que umas “castas” biossociais seriam privilegiadas em detrimento de outros, propensos à mortalidade. Em outras palavras, os dois polos de poder disciplinar e regulatório operam segundo diferentes lógicas, mas são fundamentalmente isomórficos e funcionalmente complementares. São duas dimensões de um processo geral de normalização que opera para extrair, mobilizar, aperfeiçoar, controlar e possuir a vida biológica (COLLIER, 2011, p. 14).

É imperativo descrever o aspecto biopolítico relacionado à reprodução, basicamente “a economia da biopolítica contemporânea opera de acordo com a lógica da vitalidade, não da mortalidade: apesar de seus circuitos de exclusão, deixar morrer não é fazer morrer” (RABINOW & ROSE, 2006, p. 47). Bolsonaro quer estabelecer uma espécie de ‘sociedade da triagem’, em que alguns tipos humanos teriam vantagem sobre outros, dado que, ao fazer o corte populacional brasileiro entre pobres e ricos, a higienização biopolítica dele atingiria um nicho populacional específico. Ou seja, “as formas e o alcance de tal administração genômica serão moldados pelos interesses de comunidades biossociais particulares, ao invés de um compromisso do Estado com a engenharia das qualidades da população para fins nacionais” (*Ídem*).

A intenção de, com esses planos, fazer o brasileiro de cobaia causou colapsos nas redes públicas e privadas de saúde Brasil afora. O caso de Manaus é emblemático. O descaso do Presidente com as vidas dos brasileiros teve em Manaus sem apogeu, sobretudo quando faltaram cilindros de oxigênio, elemento indispensável para a manutenção de internações leves, médias e graves em intubados. Como Jair não havia providenciado quase nenhum tipo de recurso planejado a nível federal para o enfrentamento à COVID, desde EPI’s para profissionais de saúde, máscaras e álcool manual, oxigênio faltou e asfixiou pessoas naquela cidade. Os experimentos alienistas não cessam.

Porém, ele enviou a Manaus, em sua tese bacamartiana, uma equipe que ofereceu cloroquina para, segundo eles, frear o avanço da doença, bem como a implementação de usar um aplicativo que, ao descrever-se nele sintomas, receitava hidroxicloroquina e o famigerado Kit Covid. Sim, medicações que não funcionam para conter um caos. Em resposta, a Venezuela, outro país tão odiado por Bolsonaro e os bolsonaristas, doou cilindros de oxigênio aos hospitais mais colapsados. E em meio à inércia do governo federal, governadores de outros estados ofereceram suas unidades médicas para cuidar dos pacientes manauaras e desafogar o sistema hospitalar local. Foi por causa desse ato de solidariedade que a variante P1 do Coronavírus se espalhou pelo país mais rapidamente, acelerando o avanço de internações e óbitos Brasil afora, como aconteceu na cidade paulista de Araraquara.

Nesse ínterim, em meio à corrida mundial para aquisição de vacinas que imunizem a população contra COVID-19, Jair, ademais de indicar remédio sem efeito nenhum sobre a doença e, pior, efeitos colaterais devastadores, como hepatite medicamentosa e arritmias cardíacas, negou a compra de milhões de lotes do imunizante. Não somente. Paralelamente ao fato de negativas frente à aquisição da vacinas, Bolsonaro e sua trupe de negacionistas em redes sociais e até oficiais do governo enganavam os espectadores com relação à vacinação. Ofertas de compra da Pfizer, Coronavac, Sputnik, Jhonson, Astrazeneca e Covax, esta oferecida pela OMS, foram sumariamente sabotadas em falas dos negacionistas da ciência e seus líderes e *influencers* mais proeminentes, entre eles o próprio Jair.

Frases como “(a vacina) não vai ser comprada”, que “não transmite segurança”, “vacina do Dória” ou “vachina”, de que “não irei tomar” ou que “causa morte, invalidez e anomalias”, e até quem difundia a desinformação sobre implantação de chip para controle populacional e manobras no DNA para que as pessoas se transformassem em homossexuais, que não iria obrigar ninguém a injetar o imunizante, já que não se pode saber o que há dentro do composto e uma pessoa poderia se transformar “em jacaré” (ESTADO DE MINAS, 2021), entre outras frases em que questiona, sem fundamentos, a eficácia das vacinas e cria um ambiente, inclusive, xenófobo, conflitando a origem geográfica vacinal, etc. construíram no imaginário do brasileiro, sobretudo de seus seguidores, o medo e aversão à única forma de salvar vidas.

Famílias inteiras, de cinco ou mais indivíduos, levadas pelo vírus, em outras, os pais apenas faleceram, criando uma legião de órfãos. Em algumas, o contrário: crianças e adolescentes partindo precocemente. O Brasil é recorde em vítimas da COVID entre mulheres grávidas, profissionais de saúde, sujeitos de baixa renda. Trabalhadores das mais diversas profissões, gentes de todas as classes sociais, não obstante haver concentração de óbitos na periferia brasileira, onde em peso residem pessoas negras. Uma das abordagens do que vem a ser biopoder contempla esse aspecto, dado que dialoga com aspectos de divisor social onde se preside as decisões de poder sobre a vida (e a morte). São

Estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte, inicialmente endereçadas a populações que poderiam ou não ser territorializadas em termos de nação, sociedade ou comunidades pré-dadas, mas que também poderiam ser especificada em termos de coletividades biossociais emergentes, algumas vezes especificadas em termos de categorias de raça, etnicidade, gênero ou religião, como nas formas recentemente surgidas de cidadania genética ou biológica (RABINOW, ROSE, 2006, p. 29).

Assim, temos ”uma biopolítica da população, enfocando nas espécies do corpo, o corpo imbuído com os mecanismos da vida: nascimento, morbidade, mortalidade, longevidade, etc.” (RABINOW, ROSE, 2006, p. 28). Um processo sobre o qual pesa a capacidade da liderança política em traçar recortes sociais e especificar sua predileção populacional em detrimento de sua preterição. Escolhe-se, desde o prisma do poder decisório, quem vive e quem morre.

Para melhor esclarecer toda essa sabotagem que causou perplexo na população ainda sã – mentalmente – do Brasil, o STF obrigou o Senado Federal a retirar da gaveta um pedido de Comissão Parlamentar de Inquérito-CPI para investigar o que muita gente passou a chamar de genocídio bolsonarista, onde a negação de medidas científicas foram rejeitadas categoricamente e outras, absolutamente ineficazes, passaram a ser políticas públicas.

A CPI se movimenta com a hipótese descrita nos parágrafos anteriores, em que um gabinete paralelo à ciência, baseado em achismos, assessoraria o Presidente Bolsonaro em suas decisões de indicar medicamentos sem efeito contra COVID, para que a população brasileira fosse tomada da falsa sensação de segurança e, assim, lançar-se contra o vírus, desprotegida, ademais da construção do pensamento de que as vacinas seriam um amálgama de química prejudicial ao corpo, causando o medo e a recusa do imunizante.

3.1 – O *SHADOW CABINET*

Embora a CPI esteja em andamento hoje, junho de 2021, a tese do *Shadow cabinet* parece ter se fortalecido, sobretudo quando vídeos da reunião dos membros dele vieram à luz, e um dos integrantes mesmo, o virologista Paulo Zanoto, deu nome “aos bois” e chamou o encontro paralelo de “shadow cabinet”. Contando com uma variedade de sujeitos, de profissões diversas, como o caso da médica Nise Yamaguchi, entusiasta bolsonarista do tratamento precoce com cloroquina, e a médica Mayra Pinheiro, vulgo “Capitã Cloroquina”, mas que não apresentou estudos que comprovem a efetivação medicamentosa e nem tem especialidade para isso, não obstante tenha usado como exemplo sua própria experiência como comprovativo.

O fato de esse “gabinete das sombras” aliado ideológica e não tecnicamente ao Presidente oferecer-lhe alicerce para ações cujo objetivo fim seria a morte, dado que as pessoas que aderiam a esses conselhos lançavam-se contra um vírus letal sob a falsa expectativa de proteção, constituir-se de profissionais com carreira notória, nível de escolaridade razoável, não justifica o fato de atuarem unicamente enquanto apoiadores de Jair. Assim como o quadro capacitado que acompanhava Hitler

na mais nefasta e significativa demonstração de biopoder que a História conhece, currículo não parece carta de autorização para o cometimento de barbaridades, posto que

os médicos nazistas e os ativistas da saúde declararam guerra ao tabaco, tentaram reduzir a vulnerabilidade ao amianto, se preocupavam com o uso em excesso de medicamentos e raios-X, sublinharam a importância de uma dieta livre de corantes e conservantes, fizeram campanhas pelo consumo do pão integral e comidas ricas em vitaminas e fibras, e muitos eram vegetarianos (Proctor, 1999). Mas, dentro deste complexo, o caminho para os campos da morte dependia de uma série de outras condições históricas, morais, políticas e técnicas (RABINOW, ROSE, 2006, p. 34).

O discurso de Bolsonaro ao redor da continuidade da atividade econômica a qualquer custo representa sua face tanática, dado que apresentou-se contra *lockdowns*, uma das ações mais efetivas para frear, pelo menos temporariamente, o avanço da COVID-19, eficazmente demonstrado em todo o planeta. Não somente isso, mas acionou judicialmente governadores que praticavam o fechamento das atividades causadoras de aglomerações e, portanto, de infecções e óbitos, como fizera quando, por meio do STF, tentou acionar chefes do executivo do Maranhão, Distrito Federal e Bahia, entre outros (CNN, 2021).

Em suma: salvaguarda-se uma parcela da população brasileira, maiormente branca, endinheirada (classe média ou alta) que, se infectada e apresentando sintomas, tem acesso a bons hospitais e médicos, enquanto expõe-se a outra, de maioria negra/ parda, empobrecida (de renda baixa), sem auxílio digno para enfrentar o vírus, apinhadas em metrô e ônibus lotados, com máscaras inapropriadas, em contato constante com objetos infectados, expostos à doença, à morte, entregues à política do “Deus dará”, a *necropolítica* bolsonarista.

Instiga-se o povo para a defesa da morte e da vida, simultaneamente: “populações inteiras são mobilizadas para o interesse do massacre total em nome das necessidades da vida” (Foucault, 1978, p. 137). Enquanto o povo negro sucumbe à *necropolítica* exterminadora do *shadow cabinet*, muitos deles iludidos pelo discurso enganoso de Bolsonaro, sua biopolítica, de falsa proteção por um tratamento imunizador, outros o apoiam sãos e salvos dentro de seus gabinetes propagadores de *fakenews* e enganações similares. Muitos deles com dinheiro público. Esse controle vai desde

taxas de natalidade e o início das políticas de intervenção sobre elas; assuntos de morbidade, nem tanto as epidemias, mas as doenças que são rotineiramente predominantes em uma população particular e sugam seu esforço exigindo intervenções em nome da higiene pública e novas medidas para coordenar a assistência médica; os problemas da idade avançada e os acidentes serem tratados através de mecanismos de seguridade; o problema da raça e o impacto sobre ele das condições geográficas, climáticas e ambientais, notavelmente na cidade (RABINOW, ROSE, 2006, p. 31-32).

Isso só é possível graças a uma série de mecanismos atreladas à instância “poder”, cuja legitimidade se daria em sua “capacidade de um de tomar a vida do outro – é um poder sobre a vida, fundamentado na possibilidade de reforço da morte” (*Idem*). Os ecos de Auschwitz se configuram como exemplificação das estruturas poderosas do poder do Estado sobre a existência vital de seres humanos, prelúdio de onde o biopoder pode chegar.

A sanha pelo assassinato, pela morte, pode ser explicada pela ótica necropolítica. Dá-se poder a indivíduos já pré-dispostos à psicopatia, como já afirmara Bolsonaro em outras ocasiões (“minha especialidade é matar” e “tem que fazer um serviço que o regime militar ainda não fez, matando uns 30.000”), e a higienistas sociais, de práticas fascistas pouco empáticas com o povo em geral, e cria-se a atmosfera propícia para o *condicio inhumana*. A violência está intrinsecamente relacionada à sexualidade, elemento do corpo que diz muito sobre esse grupo apoiadores de Bolsonaro e ao próprio, pois

A sexualidade diz respeito a duas formas principais de impulsos humanos polarizados – excreção e apropriação –, bem como o regime dos tabus em torno deles. A verdade do sexo e seus atributos mortais residem na experiência das perdas da fronteira que separam realidade, acontecimentos e objetos fantasiados (MBEMBE, 2018, p. 14-15).

A avidez bolsonarista pela esterelização de pobres, em seus discursos, com, inclusive, projetos que preveem a laqueadura de mulheres pobres, suas aversões pela homossexualidade em geral, pelas feministas e sua liberdade sexual, sobretudo, adquirida, seu ranço pelo elemento feminino desaguam em recalques de cunho sexualista, e de prováveis repressões sexuais não ou mal resolvidas (SANTOS, 2021).

Assim, o biopoder atua na conjectura entre quem deve viver e quem deve morrer, tendo no campo biológico sua inspiração para divisão dos indivíduos entre vivos e mortos, a partir da soberania, em estabelecer subdivisões entre os grupos a partir de concepções censuradas do aspecto biológico dos tipos humanos, ou racismo, que tem no biopoder campo em que atua de modo proeminente. É a construção do racismo que pavimenta ao biopoder a estrada que legitima a morte, sobretudo de tipos biológicos pré-estabelecidos. Isso explicaria que morrem 40% mais negros no Brasil do que brancos (CNN, 2020).

Porém, a relação do poder executivo sobre o corpo, mormente da vantagem sobre a vida e a morte (FOUCAULT, 1980, p. 107), contempla a totalidade do plano bolsonarista – do *shadow cabinet*, ladeado por higienistas, terraplanistas e outros psicóticos tomados pelo espírito tanático–, do

evidenciamento de suas mentalidades pelo desprezo à vida. Ao contrário do que alardeiam, detrás de uma narrativa de salvamento, resta evidente a pulsão morticida do aludido grupo.

Feito o levantamento de quem teria potencialidade de morte e de vida, o *shadow cabinet* poderia facilmente, a partir de sua prerrogativa de biopoder, transformar as mortes por COVID-19 em uma mera fatalidade do acaso e, mesmo culpado, poderia lançar sobre *outrem* a motivação da carnificina covideira no Brasil. No caso, a China, munida de uma propósito bélico bacteriológico exterminador.

Dado que, segundo levantamentos aludidos, a maior parte de óbitos provém das periferias, de pessoas negras/ pardas e de profissionais que não puderam deixar seus postos de trabalho mesmo durante os récordes de mortes na pandemia no Brasil, enquanto as áreas nobres no país, encasteladas em sua segurança sanitária, sofreram superficialmente os efeitos do vírus, ficou fácil para o bolsonarismo decidir sobre a continuidade de tratamentos “precoces”, não recomendados em parte nenhuma do mundo, com medicamentos deterioradores da saúde, e incentivos à aglomeração e sabotagem de medidas protetivas e das vacinas.

A segregação social verificada nas potencialidades de destruição de quem detém o poder se converte em arma devastadora em seus planejamentos acerca do público-alvo das estratégias biopolíticas, pois

Os racismos permitem ao poder subdividir uma população em sub-espécies, para designá-las em termos de um substratobiológico, e para iniciar e sustentar um conjunto de relações dinâmicas nas quais a exclusão, o encarceramento ou a morte daqueles que são inferiores pode servir como algo que tornará a vida em geral mais saudável e mais pura (RABINOW, ROSE, 2006, p. 34).

A racialização dos tipos humanos em sua variedade fenotípica, que teve seu auge no século XIX e conseguiu adentrar o XX com relativa força, o mirado molecular parecia o fim da fronteira dos conceitos coloniais de raças, ainda presas às interpretações equivocadas de Charles Darwin e sua Teoria da Evolução. O aporte genômico às discussões em voga adormeceram uma série de ideias e ideologias que, infelizmente, ressurgiram em figuras populistas políticas, como Jair Bolsonaro, como forma de “opinião”. A ciência seria, nesse caso, apenas um ponto de vista, enquanto o olhar racista consistiria outro olhar sobre o assunto, igualmente aceitável.

O atrelamento de *bios politikos* à vida cotidiana do cidadão comum que interessou a Foucault conduziu às análises em que os sujeitos dotados de poder manifestam suas vontades através do controle dos corpos, “como um modo de pensar o poder e sua ação sobre a vida” (RENCIÈRE, 2010,

p. 77). O poder, embora concentrado e centralizado, é exercido dentro das esferas capilares da comunidade, “espalhando-se por uma rede social que inclui instituições diversas como a família, a escola, o hospital, a clínica. Ele é, por assim dizer, um conjunto de relações de força multilaterais” (FURTADO & CAMILO, 2016, p. 35). Daí o fato de o bolsonarismo possuir tentáculos em toda instituição republicana no país, desde o judiciário, com juízes, desembargadores e ministros, até o Conselho Federal de Medicina, desde onde emanaram deferimentos ao uso de medicamentos inaptos ao tratamento da COVID.

Próprio de uma linguagem autoritária, o preconceito emergente da atribuição de uma natureza originária geográfica ou fenotípica conduz à estereotipia que, dentro de suas contradições paradoxais deixam transparecer seu caráter de cariz “manifestamente imaginário” (ADORNO, 2019, p. 276). Tais fantasias, próprias do pensamento delirante antisemita, pois “relacionam-se predominantemente com ideias de poder excessivo atribuídas ao inimigo escolhido” (*Ídem*) que, no caso do Brasil de Bolsonaro e seus seguidores, os “comunistas” e os pobres/ negros, compulsivos sexuais, carnavalescos, de excesso fálico, fazedores de filhos que, segundo o ex deputado federal, não trariam nenhuma contribuição ao futuro do país.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o Brasil se converteu em uma grande Casa Verde, capetaneada pelos experimentos do alienista presidente, cuja maior especialidade é matar, segundo assumiu, apoiados por gabinetes de sombra, do ódio, eugenistas, lombrosianos e higienistas de toda sorte, presentes em diversas instituições espalhadas pelo território, tal controle se deve à domesticação exercida desde as centralidades do biopoder. Em sua biopolítica, Bolsonaro e sua caterva ideologicamente terraplanista usam a narrativa de salvaguarda de uma parcela da população em detrimento da outra, ou seja, de que uns morram para que outros possam viver com qualidade, uma lógica antisemita excludente. Nessa prática, atraente em parte, substratos sociais mais vulneráveis desaparecem fisicamente, cujo corpo administrado pelo biopoder é sacrificado, enquanto outras camadas da comunidade usufruem do sacrifício de quem se expôs ao vírus.

Ao agir sobre a vida – mascarando a morte –, o biopoder é o soberano, é Bacamarte. Dizendo proteger a vida, causa-se a morte, uma prerrogativa da biopolítica de poder sobre os dois espectros. Entre a prosperidade e o extermínio, essa força transita, encontrando no racismo do Estado combustível para sua ação, pois é “a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do

degenerado, ou do anormal) é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (FURTADO, 2016, p. 37).

REFERÊNCIAS

- BERTOLINI, Jeferson (2018). *O Conceito de biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos*. Natal RN, v. 18, n. 3, Dezembro, 86-100.
- CARTA CAPITAL [website]. (2021). *Exército produziu 12 vezes mais Cloroquina que o normal em 2020*. CARTA CAPITAL, Ana Flávia Gussen. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/laboratorio-exercito-producao-cloroquina-2020/>. Acesso em 6 jun 2021.
- CNN [website]. (2021). *Bolsonaro entra com ação no STF contra restrições de governadores do DF, BA e RS*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/03/19/bolsonaro-entra-com-acao-no-stf-contr-restricoes-de-governadores-do-df-ba-e-rs>. Acesso em 7 jun 2021.
- COLLIER, Stephen J. (2011). *Topologias de poder: a análise de Foucault sobre o governo político para além da "governamentalidade"*. "Dominação e Contra-poder" • Rev. Bras. Ciênc. Polít. (5) • Jul 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000100010>.
- CORDEIRO, Franciele R.; KRUSE, Maria Henriqueta L. (2016). *Direito de morte e poder sobre a vida: saberes para o governo dos corpos*. 25(2):e3980014.
- CORREIO BRAZILIENSE [website]. (2020). *Vídeo: "Não queremos a vacina, nós temos a cloroquina", dizem manifestantes*. CB, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/09/4873806-video-nao-queremos-a-vacina-nos-temos-a-cloroquina-dizem-manifestantes.html>. Acesso em 8 jun 2021.
- COUTO, Cláudio Gonçalves. (2021). *Do governo-movimento ao pacto militar-fisiológico*. In *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Leandro Acritzer, Fábio Kerche e Marjorie Marona (orgs). Belo Horizonte: Autêntica.
- UOL [website]. (2020). *Ato contra STF e pró-intervenção tem Bolsonaro com criança e uso de cavalo*. Felipe Amorim e Estela Borges. Brasília e São Paulo, Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/protestos-brasilia-31-de-maio.htm?cmpid_. Acesso em 5 jun 2021.
- DIÁRIO DO PODER [website]. (2020). *“Chegou o Comunavírus”*. Ernesto Araújo. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/opiniaio/chegou-o-comunavirus>. Acesso em 5 jun 2021.
- ESTADO DE MINAS [website]. (2021). *Mudou o discurso? Confira 10 momentos em que Bolsonaro foi contra a vacina*. Ana Mendonça, EM. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/11/interna_politica,1245676/mudou-o-discurso-confira-10-momentos-em-que-bolsonaro-foi-contr-a-vacina.shtml. Acesso em 5 jun 2021.
- ESTADO DE MINAS [website]. (2021). *“Contribua com a sua vida para que a gente salve a economia”, diz prefeito*. EM. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/02/25/interna_nacional,1241134/contribua-com-a-sua-vida-para-que-a-gente-salve-a-economia-diz-prefeito.shtml. Acesso em 6 jun 2021.

FERNANDEZ, Michelle; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (2021) Política de saúde no governo Bolsonaro: desmonte e negacionismo. In *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Leandro Acritzer, Fábio Kerche e Marjorie Marona (orgs). Belo Horizonte: Autêntica.

FOLHA DE PERNAMBUCO [website]. (2018). *Bolsonaro defendeu esterilização de pobres em discursos e projeto passados*. Folha Press. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/bolsonaro-defendeu-esterilizacao-de-pobres-em-discursos-e-projeto-pass/71343/>. Acesso em 8 jun 2021.

FONTANELLI, Flavio; SOUZA, Celina. (2021). Antídotos institucionais do federalismo brasileiro: a covid-19 mudou a dinâmica federativa? In *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. Leandro Acritzer, Fábio Kerche e Marjorie Marona (orgs). Belo Horizonte: Autêntica.

FOUCAULT, M. (1978). *The history of sexuality*, vol. 1. The will to knowledge. London, Penguin.

FOUCAULT, Michael. (1980). *Microfísica del poder*. Madrid: Edissa.

FUCILLE, Alexandre. (2019). Militarização do governo e os desafios à democracia. In *Brasil em colapso*. Esther Solano Gallego (Org). São Paulo: Unifesp Ed..

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana A. O. (2016). *O conceito de biopoder no pensamento de Michael Foucault*. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(3): 34-44, dezembro.

GHIRALDELLI, Paulo. (2019). *A filosofia explica Bolsonaro*. São Paulo: Leya ed..

GZH [website]. (2021). Dez vezes em que Bolsonaro apareceu sem máscara antes de aderir à proteção nesta quarta-feira. GZH. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2021/03/dez-vezes-em-que-bolsonaro-apareceu-sem-mascara-antes-de-aderir-a-protecao-nesta-quarta-feira-ckm47ifxo007y0198ezhkuxb2.html>. Acesso em 6 jun 2021.

ISTO É [website]. (2021). *Bolsonaro insinua que China pode ter criado Coronavírus e fala em “guerra bacteriológica”*. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-insinua-que-china/>. Acesso em 8 jun 2021.

NETO, Othoniel Pinheiro. (2020). *Fanatismo e manipulação: o esquema da nova colonização do Brasil*. Cmapinas-SP: Pontes Ed.

O GLOBO [website]. (2021). *Bolsonaro participou de pelo menos 84 aglomerações desde o início da pandemia de covid-19*. Alfredo Mergulhão e Rodrigo Castro, O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-participou-de-pelo-menos-84-aglomeracoes-desde-inicio-da-pandemia-de-covid-19-25048811>. Acesso em 4 jun 2021.

PODER 360 [website]. (2021). *Faixas com ataques a Xi Jinping são colocadas em frente à embaixada*. Poder 360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/faixas-com-ataques-a-xi-jinping-sao-colocadas-em-frente-a-embaixada/>. Acesso em 8 jun 2021.

RABINOW, Paul. (2006). *O conceito de biopoder hoje*. In: Revista de Ciências Sociais, n. 24.

RANCIÈRE, Jacques. (2010). *Biopolítica ou política?* In: Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas, v. 1, n. 15, Udesc, Florianópolis.

SANTOS, Rossemildo da Silva. *O BOLSONARISMO E A VENERAÇÃO FÁLICA: UMA DISCUSSÃO ESCATOLÓGICA*. TRIM. Tordesillas, revista de investigación multidisciplinar, 20(2021): 29-38. ISSN 2173-8947.

SOARES, Luiz Eduardo. (2019). *Desmilitarizar*. São Paulo: Boitempo.

TELES, Edson. (2018). A produção do inimigo e a insistência no Brasil violento e de exceção. In *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. Esther Solano Gallego (org.). São Paulo: Boitempo.

TERRA, Osmar Gasparini. (2009). *Relação entre o comportamento agressivo e/ou violento e alterações na neuroimagem: revisão sistemática*. Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado. Porto Alegre-RS.

UOL [website]. (2021). *Osmar Terra defende imunidade de rebanho e diz que vacina não influencia na redução de casos e óbitos*. UOL. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/16392_osmar-terra-defende-imunidade-de-rebanho-e-diz-que-vacinas-nao-influenciam-na-reducao-de-casos-e-obitos.html. Acesso em 6 jun 2021.

YAHOO [website]. (2020). *Professor vai a ato pró-Bolsonaro e morre um mês depois com suspeita de Coronavírus*. Yahoo. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/jair-bolsonaro-ato-sem-mascara-professor-morre-coronavirus-171817849.html>. Acesso em 8 jun 2021.